

PLATÃO, *Ménon*, trad. do grego e notas de Ernesto R. Gomes e estudo introdutório de José Trindade Santos, Lisboa, Edições Colibri, col. Universalia, 1992, 140 pp.

É de saudar a decisão das Edições Colibri de republicar esta tradução do *Ménon*, originalmente dada à estampa pela GEC Publicações, e, ao que parece, perdida na engrenagem da distribuição.

Consensualmente visto como um texto de charneira, situado entre os diálogos dos chamados primeiro e segundo períodos de Platão, o *Ménon* é um dos diálogos em que o Mestre Ateniense expõe filosoficamente – e até mesmo "experencialmente", se levarmos a sério a conversa entre Sócrates e o escravo (vide 82b-85b – a teoria da reminiscência (vide 80d-86a), pilar do seu edifício do saber, e que será igualmente discutida no *Fédon*, no contexto das teses acerca da imortalidade da alma (vide 72e-77a), e tratada "miticamente" no *Fedro* (vide 246a ss.).

Por seu turno, a discussão da temática da *arêtê*, tema central do diálogo, permite, por um lado, com a identificação (ainda que hipotética) de virtude e saber (vide 87c-d), ver a uma nova luz as aporias em que resultam os diálogos elênticos; e, por outro, com a valorização da opinião verdadeira, aqui como guia para a conduta (vide 97b-c), trazer para a consideração dos diálogos uma questão que se revelará da maior importância, nomeadamente nos diálogos críticos.

De salientar, ainda, o carácter de certo modo iniciático conferido neste texto à geometria, e que será confirmado por várias passagens da *República*, das quais a menos importante não é certamente a do final do Livro VI.

Por todas estas, e certamente muitas outras, razões, mas também porque é possível lê-lo a vários níveis de profundidade, com a conseqüente aptidão para ser trabalhado nos vários graus de ensino da filosofia, nomeadamente no secundário e no superior, sem nunca se deixar enredar nas malhas de um ensino doutrinal, que ele mesmo recusa (vide 81e-82a), este é um diálogo de grande importância para a compreensão do platonismo.

Para os leitores portugueses, esta tradução tem, além dos atractivos próprios do texto, ainda o de se apresentar num vernáculo escorreito, que, como confessa o próprio tradutor, Dr. Ernesto Rodrigues Gomes, pretende situar-se num nível de linguagem "próprio de uma conversa entre amigos: o nível familiar", e que consegue, deste modo, escapar às ciladas, de não pequena monta para um tradutor de Platão, do grego corrente, tarefa esta só possível a um estudioso que possua grande familiaridade com a língua e o estilo do Mestre Ateniense. Seriam, no entanto, de evitar os inter-títulos, tradição escolástica felizmente caída em desuso, que de algum modo dificultam, quando não viciam, a leitura do texto.

Uma nota ainda para a introdução, do Prof. Doutor José Trindade Santos, que, com a sua habitual clareza e concisão, pode ser entendida como mais um elemento no seu esforço de divulgação e aprofundamento, entre nós, do pensamento filosófico de Platão.

Maria José Figueiredo